



Foto Adão Nascimento - Telefoto Estado

O antropólogo em Rondonópolis, após as tentativas inúteis para chegar aos índios

Lévi-Strauss não chega até os bororos, mas reencontra natureza

ASSIS MOREIRA
Enviado especial

"Os índios bororo têm uma riqueza estética impressionante; eles podem até viver em situação de penúria, como tenho ouvido falar, mas certamente continuam a demonstrar grande vitalidade. É incrível a riqueza e complexidade de sua organização social."

Quem fala, num misto de entusiasmo e decepção, é o francês Claude Lévi-Strauss, de 77 anos, pai da Antropologia Estruturalista. Lévi-Strauss está sentado no terraço da lanchonete GG, no km 208 que liga Rondonópolis a Cuiabá. Ao lado de sua mulher, Monique, e já sem o elegante terno marrom que usava desde Brasília, o antropólogo não consegue esconder seu desapontamento por não ter conseguido rever os índios bororo.

Há 50 anos, Lévi-Strauss, então jovem professor de Antropologia, demorou um mês de viagem entre Cuiabá e o rio Vermelho para contatar os índios bororo. Conseguiu grande material de pesquisa e 15 anos depois transformou-o num capítulo do seu mais famoso livro, "Tristes Trópicos". No livro, Lévi-Strauss não resistia à riqueza estética e de ritual dos bororo: "São os maiores e mais bem feitos índios do Brasil", exaltara.

Convidado por O Estado de S. Paulo a voltar, 50 anos depois, a uma aldeia bororo, o antropólogo francês não escondia o contentamento. Na terça-feira, chegou pontualmente às 7h25 ao aeroporto de Brasília para embarcar num avião Navajo, de oito lugares. A ciceroneá-lo, a antropóloga paulista Manuela Carneiro da Cunha, da USP, sua ex-aluna em Paris. Enquanto o funcionário da Táci Aéreo Canário aprontava o avião, surpreendido com a pontualidade do passageiro — "normalmente, as pessoas chegam uma hora depois do combinado" —, Lévi-Strauss examinava um mapa da região de Rondonópolis.

Não teve dificuldades em localizar, de imediato, o rio Vermelho, onde ele navegou por dias e noites até chegar aos bororo. Informou-se que a aldeia Teresa Cristina, a ser visitada logo mais, não era muito distante da aldeia que ele contatou em 1935. Como ensinou ele próprio em "Tristes Trópicos", os bororo demoram no máximo 30 anos em cada aldeia. Depois, transferem-se.

Enquanto o avião voa em um céu de brigadeiro, Lévi-Strauss pouco conversa. Não consegue esconder sua expectativa. Não comentara pouco antes, no aeroporto, deseja constatar, mesmo rapidamente, o que mudou entre os bororo. Sua mulher, Monique, de vez em quando, chama a atenção para algum detalhe do cerrado central. Lévi-Strauss olha, retorna-lhe o olhar e concorda com a cabeça.

A 30 minutos do aeroporto de Rondonópolis, começam os equívocos que iriam resultar no malogro da visita. O comandante Valdevino da Silva contata pelo rádio alguns pilotos que conhecem na palma da mão a região do Mato Grosso. Estes são unânimes: impossível pousar na aldeia dos índios bororo. A pista não só está ruim, como também fora construído uma espécie de esgoto bem na metade dela. Torna-se necessário ir a Rondonópolis e de lá pegar um carro. Lévi-Strauss concorda e dispensa até um rápido sobrevôo pela aldeia.

A notícia que os pilotos dão, em Rondonópolis, é que também não é possível a um avião menor, um monomotor, pousar entre os bororo. Para alugar um carro, também há dificuldades, e são 180 quilômetros de distância em estrada de areia. Embora ciente do compromisso oficial à noite, em Brasília, Lévi-Strauss mostra-se tentado a fazer a visita, vai viajar pelo Pantanal. Sua mulher Monique, porém, sugere alguma visita mais próxima.

O próprio Lévi-Strauss acompanha os pilotos na busca de aldeias, num grande mapa pregado ao lado

do acanhado barzinho do aeroporto. É o primeiro a localizar a região de Sangradouro, onde é informado de que existe uma aldeia de índios Xavantes. De avião, são 30 minutos, mas intervém outro piloto e sugere uma visita à aldeia de Tadarimana, perto do rio Vermelho. É importante, são índios bororo. "Tudo bem, diz Lévi-Strauss, vamos lá".

Mas outro problema surge. Demora-se a localizar táxis, quase todos estão alugados para políticos, em Cuiabá e Porto Velho. Monique não se incomoda: "Até no Japão esse tipo de coisa ocorre". Finalmente, com ajuda de pilotos de monomotores que enfrentam todo dia as dificuldades de viajar pelo Mato Grosso, alugam-se dois automóveis. Os motoristas não sabem quem é Lévi-Strauss, nunca ouviram falar dele. Mas observam uma coisa: "O velho" quer ver índios. Horas depois, diante de infrutíferas tentativas, um piloto apresentou uma singela sugestão: levar alguns índios para ver o antropólogo no Rio de Janeiro. Lévi-Strauss não considerou a proposta.

ENTUSIASMO

Entre Rondonópolis e a aldeia de Tadarimana, Lévi-Strauss entusiasma-se com o que vê, o rio Vermelho, o cerrado. Ao entrar na reserva indígena, chama a atenção para a diferença imediatamente perceptível: "Nota-se que aqui vivem índios, pelo cuidado com a natureza". Enquanto o carro tenta vencer a estrada de areia, Lévi-Strauss vai descobrindo ninhos de japiim e de joão-de-barro, buritizais e embaúbas. O rio Vermelho é exatamente como ele lembrava, embora há 50 anos tenha visto o rio de cima de uma canoa, como ressalva.

Lévi-Strauss não se incomoda em descer do carro de quando em vez, para que o motorista enfrente buracos na estrada. Finalmente, meio-dia, chega-se ao posto da Funai. Mas outro equívoco é constatado. A aldeia de Teresa Cristina, a dezenas de quilômetros dali, está em festa, à espera do antropólogo francês. Gente de Mato Grosso foi deslocada para lá, índios que estavam em pescaria foram buscados para receptioná-lo. Lévi-Strauss precisa retornar a Rondonópolis, pegar de novo o avião e tentar descer em Teresa Cristina.

Então ele volta a Rondonópolis mais uma vez, e, ainda de terno, Lévi-Strauss não demonstra irritação, só expectativa. Localiza-se o piloto do Navajo que, surpreendentemente, continua a colocar dificuldades para pousar entre os bororo. Antes, ele prometia pousar numa pista de até 500 metros, "se ela estivesse boa". Agora ele sabe que ela foi consertada pela Funai no dia anterior, "mas tem apenas 600 metros e meu avião precisa de pelo menos 800".

A nova tentativa aérea é horrível. Lévi-Strauss, porém, continua de olhos arregalados na paisagem. Ele diria depois que a paisagem de Mato Grosso é uma poesia, até na divisibilidade das nuvens. O céu, nesta altura, não é mais de brigadeiro, mas também não há chuva.

Após 20 minutos de vôo, Lévi-Strauss vê uma clareira próxima a um rio: é uma aldeia de bororo. A primeira constatação, idêntica à de 50 anos: a estrutura habitacional dos bororo continua a mesma, a distribuição circular das palhoças em torno da casa maior, ocupada pelos homens solteiros, é da maior importância no sistema de organização social e de prática do culto. O antropólogo arrisca: "A organização social deles é sólida".

O comandante Valdevino, porém, não consegue localizar a pista. Continua a viagem à procura de outra aldeia bororo. É a aldeia de Santa Isabel, diz alguém. Vários minutos depois, que parecem intermináveis, finalmente a aldeia. Existe uma pista de pouso, o comandante começa a voar baixo, por cima da aldeia, mas decreta: "Impossível aterrissar, o avião não agüenta". Diante da insistência dos sobreviventes à aldeia, Lévi-Strauss chega a brincar: "A esta

tura, os índios devem estar-se preparando com arcos e flechas".

Ao retornar a Cuiabá, finalmente, o comandante Valdevino localiza, na primeira aldeia sobrevoada, uma pista de pouso. Fica próxima de um rio, vê-se um carro da Funai aguardando. De novo, o piloto resiste e diz que é impossível pousar. E só agora sugere que se faça o mesmo vôo, logo depois, em avião monomotor. Lévi-Strauss, consultado, prefere retornar a Brasília. "Sejam razoáveis, já tentamos muito."

A decepção é generalizada, mas Lévi-Strauss não a diz. Ouve-se de um passageiro um triste *je suis désolé*. As 15 horas, no desembarque do já familiar aeroporto de Rondonópolis, a esposa do antropólogo não quer outra coisa: "Manger, ou comer". Descobrem-se duas opções: uma churrascaria razoável, a 500 metros, ou uma lanchonete do posto GG, mais próxima. Os pilotos recomendam a segunda, a comida é caseira, e Lévi-Strauss intervém: "É isso mesmo, quero comer feijão com carne-de-sol".

Monique Lévi-Strauss elogia o clima, que nesse dia é realmente favorável, a brisa anuncia chuva para logo mais. Ela brinca, diz que seu marido 50 anos depois conseguiu, pelo menos, reencontrar-se com o arroz e o feijão. Lévi-Strauss tira o terno, arrisca alguns goles de uma cerveja que já está quente sobre a mesa.

A antropóloga Manuela, da USP, revela que há um mês escreveu ao seu antigo professor em Paris, consultando da possibilidade de uma visita aos índios. Lévi-Strauss confessou que gostaria de revê-los, mas lembrou que, se o convite partisse de alguma universidade, em contrapartida teria de fazer conferências. Não queria isso, nessa viagem. Mas o professor, a essa altura, diz que aceitou o convite de O Estado sobretudo porque queria fugir da programação oficial, preparada em Brasília para a comitiva de Mitterrand.

NATUREZA

"Vi a natureza brasileira, e gosto dela. Vi o cerrado, e gosto dele. Prefiro, aqui para nós, animais e plantas a gente." E sorri.

Um aluno de Antropologia da Unicamp, Murilo José Machado, não consegue desprender os olhos de Monique e Lévi-Strauss. Pede uma entrevista ao professor. Ela será realizada no terraço da lanchonete, de frente ao posto de gasolina, onde de quando em vez para algum caminhão. Lévi-Strauss, enquanto fala da "revolução espiritual" que sofreu no Brasil, nos anos 30, é interrompido por uma estrondosa queda do câmera Murilo. Extasiado com o professor, não conseguiu sequer sentar-se direito. Foi ao chão.

Pouco viu Lévi-Strauss nessa viagem, é verdade. Mas, mesmo nesse pouco, velhas lembranças voltaram à tona. Quando se falou em visitar a aldeia de tadarimana, o professor imediatamente associou-a aos missionários salesianos. Em "Tristes Trópicos", ele denunciava que os salesianos descobriam que a maneira mais segura de converter os bororo consistia em obrigá-los a abandonar suas aldeias, de distribuição circular de palhoças, por outras dispostas em filas paralelas. Desorientados com a perda de seus pontos de orientação, os indígenas perdiam rapidamente seu sentido social e religioso.

Lévi-Strauss lembrava-se também que os bororos costumam saudar os visitantes queridos por grandes gritos alegres de au, au, que rompe o silêncio do dia na mata. Na terça, esse silêncio foi rompido apenas pelo barulho do avião com Lévi-Strauss. Mas fica algo, como dizia Mallarmé: "Tudo acaba em livro", também com Lévi-Strauss, tem sido assim.

Na volta a Brasília, as 5h, Lévi-Strauss enfrentou duas horas de chuva. Mas não despregava os olhos do céu porque, como também já assinalara em "Tristes Trópicos", até nas nuvens do Brasil se vê alguma poesia.